



GT 43. Etnografias da deficiência

Coordenador(es):

Adriana Abreu Magalhães Dias (UNICAMP)

Fagner Carniel (UEM - Universidade Estadual de Maringá)

Sessão 1 - Objetivações Corporalizadas e Deslocamentos Epistêmicos

Debatedor/a: Pedro Lopes (ESCOLA DA CIDADE - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo)

Sessão 2 - Movimentações e mutações no ativismo da Deficiência

Debatedor/a: Nádia Elisa Meinerz (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Sessão 3 - Limites e Impasses nas Políticas Públicas

Debatedor/a: Natan Monsores de Sá (UNB - Universidade de Brasília)

O presente GT apresenta a temática da deficiência como uma experiência multidimensional e impulsionadora de inúmeros desafios de análise, e aceitaremos trabalhos sobre as relações entre deficiência e doenças raras e temas como classe, gênero, raça, ciclo de vida, condição de trabalho, cuidado, vida autônoma e interdições, de modo a refletir as variadas "narrativas da deficiência" e processos classificatórios. Serão, ainda, aceitos trabalhos sobre movimentos por políticas públicas para pessoas com deficiência e doenças raras nos temas de mercado de trabalho, educação, saúde, assistência social, serviços de apoio, incluindo assistentes pessoais, intérpretes de língua de sinais, entre outros. Gostaríamos, ainda, de receber reflexões sobre algumas provocações: a primeira se detém na discussão se a deficiência deve ser apenas objeto de estudo da Antropologia, ou sujeito dela. Privilegia-se nesse debate os trabalhos de pesquisadores/as com deficiência e/ou suas experiências de campo. A segunda refere-se à questão do desejo, seminal para enfrentar a negatividade histórica em torno do tema, haja vista a potência perturbadora, desestabilizadora e agitadora da categoria deficiência para a pesquisa e produção teórica. A terceira provocação diz respeito à questão Ontológica, e as relações entre o tema e outros como animais (ex. equoterapia, cães de trabalho e suporte), objetos (cadeiras de rodas, bengalas, pulmões de aço), tecnologias (fala computadorizada, smartphones), linguagens.

?VESTIR A LIBRAS NO CORPO? A construção de uma ?diferença? demarcada pela ?cultura surda? na Zona da Mata Mineira

Autoria: André Luis Santos de Souza (UFV - Universidade Federal de Viçosa)

O fenômeno da surdez manifestado no corpo em suas variadas formas gera reações sociais que alteram o modo como as pessoas passam a se relacionar e/ou interagir (comunicar) entre si e com o mundo. Por atingir uma minoria social, a surdez é interpretada por muitos ?ouvintes? (a maioria) como uma ?doença? ou ?anomalia? em comparação ao corpo dito saudável, possuidor dos cinco sentidos em bom estado de funcionamento. Neste contexto, a perspectiva biomédica ou clínica terapêutica foca na ?lesão? do corpo, interpretando-a como doença, recebendo status de ?deficiência auditiva?. Na contramão, a perspectiva socioantropológica da surdez é vista como uma ?diferença?, uma condição própria de ?ser?, ?estar? e ?perceber? o mundo por meio da língua de sinais (Libras), da construção de uma ?identidade? e ?cultura surda? sintetizadas na categoria ?surdo?. Esta realidade contrastante gera conflitos de ordem simbólica e pragmática para o cotidiano de muitas pessoas surdas. Com base no pano de fundo apresentado, esta dissertação busca analisar o processo de construção de uma ?diferença? a partir de um determinado tipo de corporalidade surda acionada pela Libras, pela categoria ?surdo? e pela noção de ?cultura surda?. Para



responder a este objetivo, foi realizado um work de campo que permitiu a construção de uma etnografia que englobasse o cotidiano, conflitos, arranjos e modos de se expressar através do corpo e da língua em contextos de eventos e/ou situações sociais. A pesquisa foi realizada ao longo dos anos de 2011 a 2018 em uma microrregião da Zona da Mata Mineira (ZMM).

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: